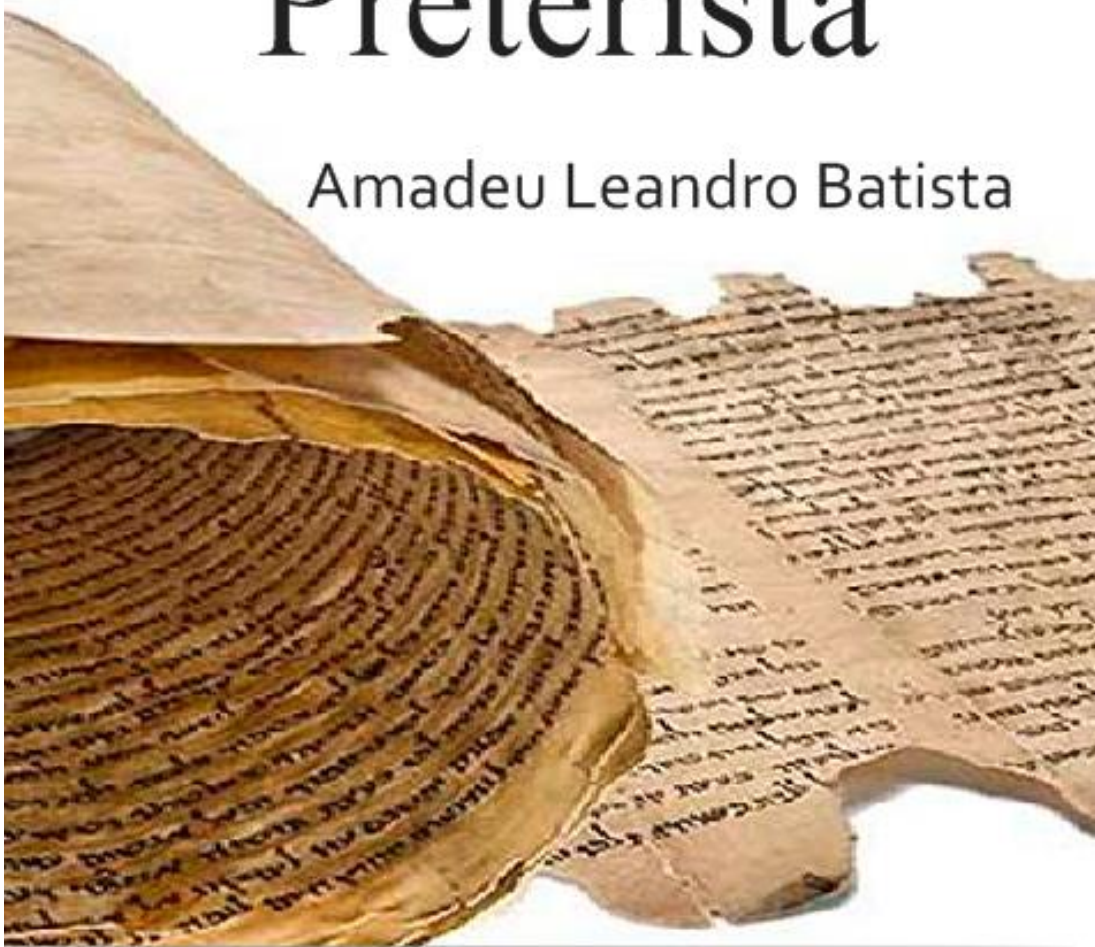


Revista Cristã

Última Chamada

Em Defesa da Escatologia Preterista

Amadeu Leandro Batista



Escatologia como você nunca viu...

Fim dos tempos

Últimos dias

Fim do Mundo

Preterismo

Volta de Jesus

Profecia

Arrebatamento

Escatologia em geral

Apocalipse

Você encontra no mais completo portal sobre
preterismo parcial e pós-milenista...

Revista Cristã
Última Chamada



www.revistacrista.org

Em defesa da Escatologia Preterista

Amadeu Leandro Batista

Revista Cristã _____

Última Chamada

- Edição extra - Agosto de 2017 -

Visando a divulgação do Preterismo e do Pós-milenismo, para a Glória de Deus, a *Revista Cristã Última Chamada* publica com design e profissionalismo artigos disponíveis em outros sites para que venham edificar aos irmãos em Cristo.

Revista Cristã Última Chamada publicada com a devida autorização e com todos os direitos reservados no Escritório de Direitos Autorais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro sob nº 236.908.

Editor
César Francisco Raymundo

E-mail: ultimachamada@bol.com.br
Site: www.revistacrista.org

Londrina, Paraná,
Agosto de 2017
Edição extra.

Índice

SOBRE O AUTOR.....	07
EMENTA.....	08
INTRODUÇÃO.....	09
O QUE É O PRETERISMO? UMA BREVE ABORDAGEM.....	12
MAIS ALGUMAS PALAVRAS SOBRE O PRETERISMO.....	15
1. PRETERISMO DA RUÍNA DO IMPÉRIO ROMANO	16
2. PRETERISMO DA PERSEGUIÇÃO INTERNA DO IMPÉRIO ROMANO.....	16
3. PRETERISMO PARCIAL.....	17
4. HIPER PRETERISMO.....	17
O PRETERISMO NA HISTÓRIA.....	18
A DATAÇÃO DO LIVRO DE APOCALIPSE.....	21
A DATAÇÃO DO APOCALIPSE AFETA ALGUMA COISA?	24
O TESTEMUNHO DE IRINEU.....	25
EVIDÊNCIAS INTERNAS.....	28
1. O TEMPLO DE JERUSALÉM.....	28
2. SUCESSÃO DOS IMPERADORES ROMANOS.....	32
3. A HORA DA TENTAÇÃO QUE VIRÁ SOBRE TODO O MUNDO.....	32
4. A IDADE AVANÇADA DE JOÃO.....	33
5. O NOME FILADÉLFIA.....	33
EVIDÊNCIAS EXTERNAS.....	34
OUTRAS OBJEÇÕES.....	35

O APOCALIPSE REFLETE UM CLIMA DE CULTO IMPERIAL, O QUE INDICA O CULTO AO IMPERADOR DOMICIANO.....	36
O APOCALIPSE FALA DE UMA PERSEGUIÇÃO UNIVERSAL, O QUE SE SABE QUE SE ENCAIXA COM O PERÍODO DA PERSEGUIÇÃO DOMICIANA.....	37
PORQUE AS PROFECIAS DE APOCALIPSE FORAM PARA O SÉCULO I?	39
OS DELIMITADORES TEMPORAIS.....	39
CONCLUSÃO.....	42
NOTAS.....	43
BIBLIOGRAFIA.....	47
Obras importantes para pesquisa... ..	52

Sobre o autor



Amadeu Leandro Batista é formado em filosofia pela UFRN. Professor de filosofia da rede estadual de ensino em Natal-RN. Também foi professor de teologia. Pesquisador na área de teologia e filosofia. Atualmente se especializando em teologia bíblica do AT e NT.

EMENTA

O presente trabalho tem como objetivo apresentar um panorama da escatologia preterista, mostrar o que ela é, o que ela não é, as objeções que lhe são apresentadas seguida de réplicas, além disso mostrar as fundamentações bíblicas, exegéticas e históricas desse sistema hermenêutico de profecias bíblicas.

INTRODUÇÃO

A escatologia é o estudo das últimas coisas. Em grego o seu nome é *ta eschata* (últimas coisas). No imaginário da teologia popular, ela se ocupa do fim do mundo. Mas na teologia ela se ocupa de temas variados: fim do mundo, ressurreição dos mortos, reino de Deus, alianças ou pactos, etc.

O tema da escatologia tem oscilado ao longo da história. Houve momentos em que ela foi considerada irrelevante para o mundo moderno, pois parecia que a crença e a esperança num reino vindouro desencorajaria a luta por um mundo melhor. O problema é que o pensamento progressista, que teve seu início no século XVIII, foi mostrado uma utopia. As tentativas e esforços humanos que visaram implantar uma melhoria no mundo se mostraram fracassadas, o que favoreceu o retorno da atenção para uma crença num poder maior capaz de intervir neste mundo e modificá-lo.

Devido ao avanço da ciência, também houve a opinião de que os temas escatológicos são irrelevantes, pois é irracional acreditar em ressurreição dos mortos ou então em forças sobrenaturais que intervenham na história. Houve um famoso teólogo chamado Rudolf Bultmann que pensou que a crença em milagres seria varrida pela ciência. Para Bultmann “É impossível usar a luz elétrica e o telégrafo sem fio, e beneficiar-se das modernas descobertas médicas e cirúrgicas, e ao mesmo tempo acreditar no mundo de (...) milagres do

Novo Testamento” (MEIER, 1998, p.27). No entanto, esse presságio de que os temas religiosos seriam banidos da mente humana mostrou-se um fracasso. De fato, hoje o fenômeno sobrenatural está mais vivo do que nunca. A própria tecnologia é um dos maiores meios para se veicular crenças religiosas das mais bizarras. O homem não se sente completo tendo a ciência como sua aliada. Boa parte da humanidade acredita no fim do mundo e na restauração de todas as coisas. De fato, qualquer evento trágico, como uma tsunami, terremoto, queda das Torres Gêmeas, ataques terroristas, etc., são vistos como sendo sinais dos fins dos tempos. Há gente que tem um “radar” que detecta sinais dos fins dos tempos o tempo todo.

A ênfase nos temas teológicos tem variado ao longo da história da igreja. No século II a ênfase foi na apologética, e no século IV na cristologia. No século XX a ênfase tem sido na escatologia.

Não há cristianismo sem esperança escatológica. O famoso teólogo Ernst Käsemann (COLLINS, 2010, p.17) disse que a apocalíptica foi a mãe de toda a teologia cristã. É claro que há um exagero aqui por parte do Käsemann, no entanto, há verdades nessa declaração. As concepções apocalípticas deram impulsos iniciais no processo de formação nos estágios iniciais do Cristianismo e no judaísmo da época. Basta ler os evangelhos, especialmente os livros de Mt 24-25; Mc 13; Lc 21, e as epístolas 1 Ts 4; 2 Ts 2; 1 Cor 15; e, claro, o livro de Apocalipse, para ver como os temas apocalípticos eram presentes na cabeça dos primeiros cristãos.

Desde o Antigo Testamento que Deus fez promessas escatológicas para o seu povo. (v. Is. 11.6-9). No NT, é claro e enfático as promessas escatológicas. O sermão escatológico de

Jesus é um ótimo exemplo (Mt 24 e 25). De fato, para o NT, Jesus já inaugurou o reino escatológico de Deus (cf. Mt 3.2; Mc 1.15), embora ainda falta ser consumado. Paulo também fala da *parousia* (vinda) de Jesus (I Ts 4) e do Anticristo (II Ts 2). Como bem salientou o eminente teólogo Karl Barth (Apud LACOSTE, 2004, p. 622):

um cristianismo que não fosse absoluta e integralmente e. [escatológico] seria absoluta e integralmente estranho a Cristo” Rudolf Bultmann disse que a escatologia era o tema central do querigma (pregação) de Jesus: “O conceito predominante da pregação de Jesus é o do reinado de Deus (BULTMANN, 2004, p; 41).

Claro que Bultmann exagerou, mas suas palavras contém verdades. Que o tema da escatologia bíblica é importante fica claro porque cerca de 27 por cento da Bíblia contém profecias ou elementos preditivos (MENN, 2013, p. xxi).

A escatologia não está apenas presente nas fontes mais antigas do Cristianismo, como os quatro evangelhos e as epístolas e os demais livros do NT. A fonte mais antiga, Q2, apresenta elementos apocalípticos, como reino de Deus, céu, inferno, vinda de Jesus e o julgamento divino.

De qualquer modo, é importante termos em mente que a escatologia bíblica não apenas visa o destino do mundo todo no seu aspecto genérico. A escatologia bíblica também trata do fim e do destino do sujeito individual, como é o caso da sorte de Jó (Jó 8.7). Ela também fala do fim da comunidade judaica, em que Deus trata do futuro do povo de Israel e luta pela sua glória e vitória. E por último ela fala do fim *cósmico*, em que Deus irá intervir no universo para restaurar todas as coisas, como é o caso de Romanos 8.20-22: “Porque a criação

ficou sujeita à vaidade, não por sua vontade, mas por causa do que a sujeitou, Na esperança de que também a mesma criatura será libertada da servidão da corrupção, para a liberdade da glória dos filhos de Deus. Porque sabemos que toda a criação geme e está juntamente com dores de parto até agora”. Assim, podemos dizer que existe uma tríade escatológica na Bíblia: uma escatologia individual, em que Deus trata do destino último de uma pessoa específica, uma escatologia da comunidade, em que Deus trabalha com um grupo específico e uma escatologia cósmica, em que Deus tem um plano último para toda a sua criação.

Finalmente, o objetivo deste livro é mostrar que a visão do preterismo parcial é a corrente que melhor interpreta as profecias apocalípticas das Escrituras. É uma pena que poucas pessoas conhecem essa corrente. Este material servirá não apenas como uma defesa de tal sistema, mas também uma introdução à temática. Não é exagero dizer que se todos os caminhos na antiguidade levavam à Roma, todas as evidências sobre as profecias do Apocalipse levam ao preterismo.

O QUE É O PRETERISMO? UMA BREVE ABORDAGEM

Quando vamos estudar o fim dos tempos tendo como referência as profecias bíblicas, especialmente o livro de Apocalipse, quatro escolas de interpretações aparecem. Talvez você nunca ouviu falar de algumas delas, mas certamente que você estará inserido em algumas delas. Talvez você pense: “Ah! Sei do que você está falando, aprendi na Escola Bíblia

Dominical que há 3 escolas teológicas que são a pré-tribulacionista, o meso-tribulacionismo e o pós-tribulacionismo”. Em parte você tem razão, mas o problema é que você apenas está citando 3 sub-divisões de uma das correntes que irei falar abaixo.

Vamos lá:

A primeira escola hermenêutica (interpretação) das profecias bíblicas é a *idealista*. Digo primeira não no sentido de prioridade, apenas de ordem mesmo. O que vem a ser basicamente o idealismo? Tomemos as profecias do Apocalipse. As visões e profecias que João recebeu não estão falando de acontecimentos específicos que ocorreram ou vão ocorrer na história. Elas são alegorias das lutas que o povo de Deus, a igreja, enfrenta ao longo da história.

A segunda escola é a *historicista*. Essa escola alega que as profecias do Apocalipse falam de acontecimentos e eventos que ocorrerão ao longo da história. Essa escola é bastante presente nos nossos dias. Os reformadores, por exemplo, entenderam que o Papa Leão X era a besta do Apocalipse.

A terceira escola é a *preterista*. Para essa escola, a maioria das profecias do Apocalipse ou todas elas já se cumpriram no ano 70 d.C., ou seja, após a queda do Templo judaico. Essa escola se divide em pelo menos quatro abordagens, mas veremos isso depois.

A quarta escola é a mais popular hoje em dia. Chama-se *futurista*. Para os futuristas, a maioria dos eventos profetizados no Apocalipse ainda não aconteceram, eles são para o futuro. Penso que você já assistiu ou leu a série de Tim LaHaye, *Deixados Para Trás*. Pois bem, essa série representa a escatologia futurista. Veja como nela muitas das profecias

ainda vão acontecer: a vinda do Anticristo, a Grande Tribulação, a marca da besta, etc. Acho que agora você vai entender porque as escolas pré-tribulacionista, meso e pós-tribulacionistas são subdivisões de uma corrente escatológica. Pois apesar de cada uma dessas escolas discordarem entre si sobre como vai ser a Grande Tribulação, elas tem algo em comum: a Grande Tribulação ainda vai ocorrer. Como elas são escolas que apontam para um evento que está no futuro, então elas são futuristas.

Posso colocar aqui uma quinta escola de interpretação, chamada de abordagem *eclética*. Essa escola reúne elementos das 4 escolas anteriores na sua interpretação do Apocalipse. Mas vou focar aqui nas quatro anteriores, pois são as mais conhecidas.

Penso que o preterismo é a escola teológica que apresenta menos problemas de interpretação. Talvez o leitor ao ler isso pense consigo: “espera aí, o autor está dizendo que o preterismo tem problemas de interpretações?” Claro que sim! Afinal, qual escola teológica que não esteja isenta de problemas interpretações? Estamos trabalhando com um tema que é delicado, pois o tema gira em torno do livro mais difícil da Bíblia, o Apocalipse. A questão não é irmos atrás de uma escola de interpretação que seja perfeita, essa não existe. Mas aquela que apresenta *menos* falhas e problemas de *interpretações*.

Também quero deixar claro aqui que não considero como herege quem discorda do preterismo. A nossa ortodoxia e salvação não são medidas pela corrente escatológica que adotamos. Seja você um idealista, preterista, historicista ou futurista, o fato é que estaremos juntos na eternidade na vinda de Cristo. Todas essas escolas tem homens santos e profundos

conhecedores da Palavra de Deus. Não devemos lançar o outro no inferno simplesmente ele discorda da nossa interpretação escatológica, contanto que tal pessoa não fira nenhuma doutrina central da Bíblia.

MAIS ALGUMAS PALAVRAS SOBRE O PRETERISMO

O termo preterismo vem do latim *praeteritus*, significa *passado*. Ou seja, os preteristas olham para a maioria dos relatos proféticos do Apocalipse como um relato jornalístico: assim como um jornal narra eventos que já ocorreram, o livro do Apocalipse é para nós hoje um relato jornalístico de como Deus trabalhou e cumpriu suas profecias no século I d.C. Embora sejam profecias já cumpridas para nós hoje, para João elas ainda estavam no futuro. Os preteristas acreditam que as profecias do Apocalipse se cumpriram pouco tempo depois quando João recebeu as visões proféticas do Apocalipse.

Sendo assim, para os preteristas o Anticristo já veio no século I d.C., a Grande Tribulação já aconteceu e a vinda de Jesus em Mateus 24.27,30 já ocorreu. Essa vinda de Jesus os preteristas entendem como sendo uma vinda em *juízo* para o povo judeu. Depois farei uma defesa disso, por ora estou falando isso a título de esclarecimento. No entanto, como já falei, nem tudo se cumpriu no sistema preterista parcial. Ainda falta a vinda corporal de Jesus, a ressurreição dos mortos, o arrebatamento da igreja e o juízo final. Essa escola se divide em 4 vertentes:

1. PRETERISMO DA RUÍNA DO IMPÉRIO ROMANO

Essa abordagem alega que o livro trata da opressão romana contra a igreja e a queda do império romano. Como os cristãos viviam em um ambiente em que o culto ao imperador era estabelecido, eles sofreram perseguição por não adorarem o imperador. Assim, a besta representa o Império Romano e o seu imperador. Os selos, taças e trombetas do Apocalipse são símbolos que retratam o julgamento de Deus sobre o Império Romano. Nessa corrente de interpretação o Apocalipse é um relato do conflito entre a Igreja nascente e o Estado Romano.

2. PRETERISMO DA PERSEGUIÇÃO INTERNA DO IMPÉRIO ROMANO

Essa corrente sustenta que não havia perseguições externas à igreja. Não havia uma crise real, apenas uma sensação de perseguição. A perseguição que os cristãos sofriam era uma perseguição espiritual interna. O Apocalipse trata de duas realidades que o cristão deve escolher: a esfera imanente do Estado Romano ou a esfera transcendente celestial do reino de Deus ou da Igreja.

3. PRETERISMO PARCIAL

O livro de Apocalipse foi escrito antes de 70 d.C. e foca o julgamento de Deus sobre Israel, embora também fala de Roma e seus imperadores. O Armagedom significa a batalha de Roma contra Jerusalém na Guerra Judaica. A maior parte do Apocalipse já se cumpriu no século I d.C. Essa é a corrente que irei sustentar neste livro.

4. HIPER PRETERISMO

A outra vertente do preterismo chama-se *hyperpreterismo* ou *full preterism* (preterismo completo). Essa escola alega que *todas* as profecias bíblicas já se cumpriam, inclusive a volta de Jesus, a ressurreição dos mortos, o arrebatamento, o juízo final, etc. Essa escola é herética e precisa ser combatida, pois está contra as Escrituras e a crença da igreja ao longo de mais de 2000 anos.

De qualquer modo, é importante ressaltar que todo cristão é preterista, o que vai diferenciar se ele faz parte da escola preterista ou não é o grau de crença dele no cumprimento das profecias. Todo cristão é preterista acerca das profecias acerca da vinda de Jesus em sua encarnação no século I, pois acredita que as profecias acerca da primeira vinda corporal de Jesus no século I já se cumpriram. Por exemplo, todo cristão acredita que a profecia de Miqueias 5.2-5 sobre o nascimento do Messias em Belém já se cumpriu, e que a profecia de que Jesus viria da linhagem do rei Davi (Is 9.7) também se cumpriu.

Todo cristão é preterista acerca das palavras proféticas de Jesus “Em verdade vos digo que não ficará aqui pedra sobre pedra que não seja derrubada” ([Mateus 24.2](#)) acerca da Queda do Templo de Jerusalém no ano 70 d.C.

O PRETERISMO NA HISTÓRIA

O preterismo não é um movimento novo. Ele tem raízes em tempos antigos. Muitas pessoas leigas no assunto pensam que ele é um sistema de interpretação recente na história da igreja. Como destacou Kenneth Gentry Jr. :

Consequentemente, os cristãos evangélicos são amplamente alheios ao preterismo, fazendo-o parecer ser o “novo cara do pedaço”. O preterismo, contudo, é tão antigo quanto o futurismo. E a despeito de seu escurecimento neste século, ele tem sido bem representado por eruditos proeminentes, crentes na Bíblia, durante todos os séculos até os nossos dias [3].

Antes de entrarmos na defesa preterista do Apocalipse, é importante fazermos uma retrospectiva e ver se alguns líderes famosos da igreja defenderam tal sistema. Vamos ver o que Clemente de Alexandria (150 - 215 d.C.) tem a nos dizer:

“Pois bem, é evidente que o templo foi construído em sete semanas. De fato, está escrito no livro de Esdras; e de igual modo, existiu um rei ungido, que foi príncipe dos judeus, quando se cumpriram as sete semanas em Jerusalém; e durante as sessenta e duas semanas, toda a Judeia gozou de paz e não houve guerras. E Cristo

nosso Senhor, santo entre os santos, chegou e cumpriu a visão e o profeta. E sua carne foi ungida pelo Espírito de seu Pai naquelas sessenta e duas semanas, como disse o profeta. *E na única (última) semana (a 70), reinando Nero, este ocupou a primeira metade da dita semana (a 70), e semeou a desolação na cidade santa de Jerusalém.* E, na segunda metade da mesma semana, Nero se retira, assim como Oto, Galba e Vitelo, mas surgiu Vespasiano e assolou Jerusalém e destruiu o templo. E tudo isso aconteceu assim, e é evidente para quem é capaz de compreender, como disse o profeta”.

Clemente ainda diz:

“Eu digo que é necessário acrescentar a esta cronologia (Clemente falava das datas do nascimento e ressurreição de Jesus) os dias que alude Daniel, desde a destruição de Jerusalém: ... (as reticências indicam uma lacuna no manuscrito do alexandrino) os 7 anos e 11 meses de Vespasiano. Além do mais, acrescentamos os 2 anos, 17 meses e 8 dias de Oto, Galba e Vitelo. E assim, se obtém 3 anos e 6 meses, ou seja, a metade da semana, como disse o profeta Daniel. Se disse que há 2.300 dias desde a perseguição de Nero sobre a cidade santa até sua destruição. Isso demonstra o texto citado em seguida (ou seja, Dn 8. 13,14). Esses 2.300 formam 6 anos e 4 meses; a metade deles compreende o domínio de Nero, e são a metade da semana; a outra metade corresponde a Vespasiano, juntamente com Oto, Galba e Vitelo. Por isso diz Daniel: “bem-aventurado o que chega aos 1335 dias” (Dn 12.12). De fato, a guerra durou esses dias e depois acabou” (CLEMENTE apud ANALES DE HISTORIA ANTIGUA, 1961).

O pai da história eclesiástica do quarto século , Eusébio de Cesareia, viu o cumprimento do Abominável da Desolação no primeiro século d.C. Conforme suas palavras:

Quantos e quais males que de toda parte se abateram sobre o povo inteiro; como especialmente aos habitantes da Judeia sobrevieram as maiores desgraças; quantos milhares de jovens, bem como de mulheres e crianças, tombaram pela espada, fome e inúmeros gêneros de morte; quantas e quais as cidades judaicas sitiadas; além disso, quais os males terríveis e mais que terríveis presenciados pelos refugiados, enquanto em metrópole bem fortificada, na própria Jerusalém; o modo como se desenvolveu a guerra e quais os acontecimentos peculiares; de que modo, enfim, a abominação da desolação prenunciada pelos profetas (Dn 9,27; 12,11; cf. Mt 24.15; Mc 13,14) se instalou no Templo de Deus, outrora célebre e ao qual estava reservada a ruína completa e a destruição final pelo fogo – tudo isso, quem o quiser, encontrará com maior exatidão na História exarada por Josefo (CESAREIA, 2000, pp. 118-19).

André da Capadócia, no século V, e outros teólogos fizeram abordagens preteristas. Como disse Gentry: “O comentário mais antigo sobre o livro de Apocalipse data do escritor do século V, André da Capadócia. No seu livro *Interpretação do Apocalipse*, ele aplica a passagem de Apocalipse 7.1 ao cerco de destruição de Jerusalém por Tito.

Séculos mais tarde, o jesuíta espanhol Alcasar fez uma abordagem preterista do Apocalipse. Outros nomes conhecidos que endossaram o preterismo são Hugo Grotius (1583-1645), Jean LeClerc (1657-1736). Outro nome

conhecido e que foi um dos cabeças intelectuais da Assembleia de Westminster foi John Lighfoot (1601-1675). Este chegou a dizer que o termo “restringe”, de 2 Tessalonicenses 2, é uma referência ao imperador Claudio perdendo a paciência e restringindo os judeus. Para ele, todo o tema do livro do Apocalipse é uma referência ao julgamento sobre a nação de Israel. [4]

A DATAÇÃO DO LIVRO DE APOCALIPSE

Possivelmente você já viu em algum comentário bíblico que o livro de Apocalipse foi escrito no ano de 96 d.C., na época do imperador romano Domiciano. Se essa tese estiver correta, ela destrói o preterismo, pois os preteristas de visão conservadora, que são comprometidos com a inspiração da Bíblia e com sua autoridade, acreditam, assim como os futuristas, que o livro de João são profecias que ainda iriam se cumprir quando João escreveu. Que o apóstolo João é o autor do Apocalipse é um fato bem atestado historicamente, Irineu de Lião atribuiu a João a autoria do Apocalipse: “Uma revelação mais clara ainda acerca dos últimos tempos e dos dez reis, entre os quais será dividido o império que agora domina, foi feita por João, o discípulo do Senhor, no Apocalipse ...” (LIÃO, 1995, p. 588).

Como os preteristas alegam que o livro de Apocalipse fala da destruição de Jerusalém e do Templo em 70 d.C., e se o livro foi escrito depois de 70 d.C., teremos que dizer que o livro de Apocalipse errou quando disse que os seus eventos ainda estavam no futuro.

Que os eventos do Apocalipse estavam para acontecer no futuro fica claro pelas palavras “brevemente” e “o tempo está próximo” (Ap. 1.1,3). O livro é um profecia (1.3). Com efeito, o livro tem que ter sido escrito antes do ano 70 d.C. para não comprometer com a doutrina da inspiração bíblica. Sabemos que teólogos liberais datam o livro para depois de 70 d.C., mas eles não estão comprometidos com a doutrina da inspiração e nem tampouco com a crença no sobrenatural.

De qualquer modo, não é tão certo defender uma data mais recente para o Apocalipse, até mesmo aqueles que são adeptos de uma data recente admitem isso. Eruditos de peso também colocam uma data mais antiga para o Apocalipse: “Por outro lado, deve ser mencionado o fato que vários mestres de notabilidade preferem data mais recuada, ou no reinado de Nero (Lightfoot, Westcott, Hort), ou no reinado de Galba, 68 A.D. (assim Torrey)”. [5]

Gentry fez uma lista de eruditos da ala conservadora e liberal que defenderam uma data mais antiga do Apocalipse, por ter gente da ala liberal é um argumento forte, visto que eles têm a mania de colocarem os livros da Bíblia numa data mais recente:

“Jay E.Adams, Luis de Alcasar, Karl August Auberlen, Greg L.Bahnsen, Arthur S.Barnes, James Vernon Bartlet, F.C.Baur, Albert A.Bell, Jr. , Willibald Beyshclag, Charles Bigg, Friedrich Bleek, Heinrich Bohmer, Wilhelm Bousset, F.F.Bruce, Rudolf Bultmann, W. Boyd Carpenter, David Chilton, Adam Clarke, William Newton Clarke, Henry Cowles, W. Gary Crampton, Berry Stewart Crebs, Samuel Davidson, Edmund De Pressense, P.S.Desprez, W.M.L. De Wette, Friedrich Dusterdieck, K.A.Eckhardt, Alfred Edersheim, George Edmundson, Johann Gottfried Eichhorn,

G.H.A.Ewald, F.W.Farrar, Grenville O.Field, George P.Fisher, J.A.Fitzmeyer, J. Massyngberde Ford, Hermann Gebhardt, James Glasgow, R.M.Grant, James Comper Gray, Samuel G.Green, Heinrich Ernst Ferdinand Guericke, Henry Melville Gwatkin, Henry Hammond, Hartwig, Karl August von Hase, B.W.Henderson, Johann Gottfried von Herder, Adolf Hilgenfeld, David Hill..., H.J.Holtzmann, John Leonhard Hug, William Hurte, A.Immer, Theodor Keim, Theodor Koppe, Max Krenkel, Johann Heinrich Kurtz, Victor Lechler, Francis Nigel Lee..., Gottfried C.F.Lucke, Ghristoph Ernst Luthardt, James M.Macdonald, Frederick Denison Maurice, Charles Pettit M'llvaine, John David Michaelis, Theodor Mommsen, A.D.Momigliano, Charles Herbert Morgan, C.F.D.Moule, John Augustus Wilhelm Neander, Bishop Thomas Newton, A.Niermeyer, Alfred Plummer, Edward Hayes Plumtree, T.Randell, James J.L.Ratton, Ernest Renán, Eduard Wilhelm Eugen Reuss, Jean Reville, J.W.Roberts, Edward Robinson, John A.T.Robinson, J. Stuart Russell, W.Sanday, Philip Schaff, Johann Friedrich Schleusner, J.H.Scholten, Albert Schweigler, J.J.Scott, Edward Condón Selwyn, Henry C.Sheldon, William Henry Simcox, D. Moody Smith, Arthur Penrhyn Stanley, Edward Rudolf Stier, Moses Stuart, Milton S.Terry, Friedrich August Gottreu Tholuck..., Cornelius Vanderwaal, Gustav Volkmar, Foy E.Wallace, Jr. , Arthur Weigall, Bernhard Weiss ..., J.J.Wetstein, Karl Wieseler, Charles Wordsworth, Herbert B, Workman, Robert Young, and C.F.J.Zullig”[6].

É claro que mostrar uma lista de eruditos não prova que o livro de Apocalipse data de antes do ano 70. No entanto, ao menos mostra que gente de calibre intelectual não se sente satisfeito com a tese de uma data mais recente.

A DATAÇÃO DO APOCALIPSE AFETA ALGUMA COISA?

O livro de Apocalipse já foi datado da época do reinado do imperador Claudio (41-54 d.C.) até Trajano (98-117).[7] A primeira data foi defendida por Epifânio, embora tudo indica que ele confundiu Claudio com Nero Claudio (54-68). A data mais tardia foi defendida no século sexto, por Doroteo, e no século XI por Teofilato, um exegeta bizantino que colocou o exílio do apóstolo João no reinado de Trajano.

Datar o livro do Apocalipse não é um mero exercício de atividade intelectual, dependendo da forma como ele é datado, os eventos por trás de suas profecias e simbolismos podem ser lidos de diferentes maneiras. Se João escreveu o livro antes de 70 d.C., mais precisamente antes do ano 67 d.C., então os infortúnios, catástrofes e todas as mazelas que caíram sobre Jerusalém e sobre o Templo, assim como a perseguição que a igreja cristã sofreu pelas mãos do imperador Nero, podem terem sido o cumprimento da maior parte do livro. Ademais, se a mensagem de João foi dirigida para a Igreja antes de 70, então o livro de Apocalipse tinha como foco encorajar e consolar os cristãos das igrejas da Ásia Menor dos sofrimentos do primeiro século.

Por outro lado, se o Apocalipse foi escrito depois de 70, então as mensagens de exortações e consolações dirigidas aos cristãos do primeiro século não diziam especificamente a eles, mas apenas à Igreja que passará pela Grande Tribulação no futuro, assim como também dependendo da posição escatológica futurista, a reconstrução e destruição de Israel num futuro distante. A datação do Apocalipse é uma das peças

chaves para se vasculhar os mistérios do livro e nos dar um esclarecimento maior dos eventos narrados nele.

Os teólogos futuristas costumam lançar contra o preterismo a datação do Apocalipse para o ano 95 ou 96 d.C. Mas em que eles sustentam tal tese? Vamos ver que o argumento mais forte à favor de uma data mais recente do Apocalipse supostamente vem do pai da igreja primitiva Irineu de Lião. Vamos ver se o testemunho de Irineu é tão forte como parece ser. Após mostrar a falha do “argumento de Irineu”, vamos ter que analisar a datação do Apocalipse levando em consideração o testemunho interno do próprio livro e também o testemunho externo.

O TESTEMUNHO DE IRINEU

O testemunho de Irineu é este:

Mas não nos arriscamos em declarar peremptoriamente que terá este nome [o Anticristo], bem sabendo que se o seu nome tivesse que ser proclamado no nosso tempo, já teria sido manifestado pelo vidente do Apocalipse, porque não faz muito tempo que ele foi visto, e sim próximo aos nossos dias, no fim do reinado de Domiciano (LIÃO, 1995, p. 600).

Não vou aqui sair refutando todos os pais da igreja que defenderam o Apocalipse para o reinado de Domiciano, até porque eles estavam pegando carona na tese de Irineu, penso que se o argumento de Irineu for refutado, os demais pais falham também. De qualquer maneira, como bem salientou Bruce Metzger, “A data de Irineu está aberta a

questionamento” (METZSGER apud PATE, 2003). Isso é um fato. Vamos ver.

A primeira objeção ao testemunho de Irineu é que não sabemos ao certo o que Irineu estava falando, o trecho é um pouco enigmático. Tem problemas de traduções do texto, e estudiosos não sabem como traduzir adequadamente esse texto.

Além do problema de tradução, o texto é ambíguo:

... estudiosos têm reconhecido que não é possível determinar se Irineu queria dizer que João foi visto pelo tutor de Irineu, Policarpo, ou se ‘o Apocalipse foi visto nos fins do reinado de Domiciano’. Tal ambiguidade destrói este argumento como evidência. Mesmo Eusébio, que registrou essa declaração, duvidava que João, o apóstolo, tinha escrito do livro de Apocalipse. O ponto aqui é o seguinte: se a declaração não foi forte o suficiente para convencer Eusébio que João tinha sequer escrito Apocalipse, por que muitos pensam hoje que ela é forte o suficiente para convencer a alguém que o apóstolo viu tal livro durante o reinado de Domiciano (95 d.C.)? O mínimo que se pode dizer é que esse argumento é fraco (RAYMUNDO, 2014).

Isto é, a expressão “porque não faz muito tempo que ele foi visto” é incerta. A quem Irineu se referia? A João? O nome do Anticristo? Ou ao livro? Como não há consenso para responde a essas questões, então querer fundamentar uma teoria em cima de algo incerto é perigoso.

O mesmo Irineu que supostamente apoia uma data tardia para o Apocalipse parece também sugerir uma data primitiva para o mesmo. Vejamos esta sua declaração: “Sendo essa a situação, visto que este número se encontra em todos os

manuscritos mais antigos e cuidados...” (apud RAYMUNDO). Aqui Irineu pode dar a entender uma data primitiva do Apocalipse, pois ele disse que o número da Besta se encontrava nos manuscritos mais antigos. Ora, se Irineu disse em outro lugar que “porque não faz muito tempo que ele foi visto, e sim próximo aos nossos dias”, então isso sugere uma data mais antiga do Apocalipse, pois se Irineu escreveu na época de Domiciano, e tais manuscritos do Apocalipse eram mais antigos que a época em que Irineu estava escrevendo, logo eles podem serem anteriores a Domiciano.

Outro argumento adicional contra a suposta alegação de Irineu é que vamos supor que de fato Irineu esteja dizendo que o Apocalipse foi visto no reinado de Domiciano. Por que devemos nos ater a tudo o que Irineu disse? Os pais da Igreja não são infalíveis, eles não são inspirados como as Escrituras. Por exemplo, se devemos aceitar o testemunho de Irineu só porque ele foi um pai antigo da igreja, então vamos aceitar coisas bizarras que ele disse. Vejamos esta citação de Irineu: “...mas a idade de 30 anos é a primeira da mente de um jovem, e que essa alcança até mesmo os quarenta anos, todo o mundo concordará: mas após os quarenta e cinquenta anos, começa a se aproximar da idade velha: na qual o nosso Senhor estava quando ensinou, como o Evangelho e todos os Anciãos testemunham...” (apud RAYMUNDO). Irineu disse que Jesus começou o seu ministério depois dos quarenta ou cinquenta anos de idade. Vamos aceitar essa hipótese? Os escritos de Irineu, assim como de toda autoridade eclesiástica, devem ser submetida à análise histórica e escriturística.

Agora vamos mostrar que o Apocalipse foi escrito antes de 70 d.C. através de evidências internas (bíblica) e externas.

EVIDÊNCIAS INTERNAS

Evidências internas são alusões que se encontram dentro do texto bíblico, como situações e acontecimentos históricos, que nos mostram a época em que o texto foi escrito [8]. A favor da evidência interna segue-se os seguintes argumentos:

1. O TEMPLO DE JERUSALÉM

Vejamos a passagem bíblica que fala do Templo:

“E foi-me dada uma cana semelhante a uma vara; e chegou o anjo, e disse: Levanta-te, e mede *o templo de Deus*, e o altar, e os que nele adoram. E deixa o átrio que está fora do templo, e não o meças; porque foi dado às nações, e pisarão a cidade santa por quarenta e dois meses” (Apocalipse 11. 1,2, ênfases minhas).

A questão chave a ser considerada é a seguinte: a que Templo João se refere? Algumas pistas nos apontam onde vamos chegar. Em primeiro lugar, ele nos dá o lugar geográfico do Templo: Jerusalém. Pelo menos é o que podemos deduzir da expressão “cidade santa”. De acordo com as Escrituras, essa expressão é uma referência à Jerusalém. O profeta Isaías disse: “Desperta, desperta, veste-te da tua fortaleza, ó Sião; veste-te das tuas roupas formosas, ó *Jerusalém, cidade santa* Isaías 52.1, ênfases minhas. Cf. Dn. 9.24; Mt. 4.5, 27.53) . O versículo 8 de Apocalipse 11 deixa claro que a Cidade Santa é Jerusalém: “E jazerão os seus corpos mortos na praça da *grande cidade* que espiritualmente se chama Sodoma e Egito, *onde o nosso Senhor também foi crucificado*” (Apocalipse 11.8). A

Cidade onde Jesus foi crucificado foi Jerusalém, portanto, é ao Templo de Jerusalém que João se refere.

Para reforçar o argumento de que o Templo a que João se refere é o templo de Herodes, vamos pegar Apocalipse 11.2 e comparar com Lucas 21.24:

Apocalipse 11.2:

E deixa o átrio que está fora do templo, e não o meças; *porque foi dado às nações, e pisarão a cidade santa* por quarenta e dois meses.

Lucas 21.24:

E cairão ao fio da espada, e para todas as nações serão levados cativos; *e Jerusalém será pisada pelos gentios*, até que os tempos dos gentios se completem.

O paralelo entre ambas as passagens não é mera coincidência. João está falando a mesma coisa que Jesus falou acerca da destruição de Jerusalém e da queda do Templo de Herodes (acerca do Templo, cf. v. 6 de Lucas). Ambos os textos falam que a Cidade Santa será pisada pelos gentios. É difícil não ver em Apocalipse um paralelo forte com o discurso de Jesus acerca da destruição do Templo de Jerusalém. João não está aqui falando de um futuro Templo judaico, como pensam os futuristas, em nenhum momento João dá a entender isso.

Ora, se as evidências textuais levam ao Templo de Herodes em Jerusalém, então essa profecia deve ter sido proferida antes de 70 d.C. Pois o Templo que ficava localizado em Jerusalém era o Templo judeu. João está falando do Templo judeu como se ele ainda estivesse de pé em seus dias. De fato, em nenhum lugar do Apocalipse é dito que o Templo judaico

já estava derrubado. Se o templo judeu já estivesse arruinado na época em que João escreveu o Apocalipse, seria muito estranho ele não ter feito alguma menção a tal evento tão significativo para João, que era um judeu e sabia do poder simbólico que o Templo tinha.

O futurista Thomas Ice tenta refutar esse poderoso argumento da forma como segue:

Em refutação... argumento dos Preteristas, deve ser lembrado que no Livro de Apocalipse João está recebendo uma visão sobre coisas futuras. Ele é transportado de alguma forma para que o tempo futuro, a fim de ver os eventos como eles vão se desdobrar. A palavra 'viu' é usada 49 vezes em 46 versículos em Apocalipse porque João está testemunhando eventos futuros através de uma visão [9].

Ice tem razão quando diz que os eventos do Apocalipse são para o futuro, isso os preteristas estão de acordo que do ponto de vista da época de João os eventos eram futuros. Mas Ice erra num ponto sério: na visão que João teve sobre o Templo de Jerusalém, ele estava tendo uma visão da reconstrução de um futuro Templo ou estava falando de uma *futura destruição* do Templo vigente? O foco do texto é mostrar a futura destruição do Templo. O texto não trata de um futuro Templo *reconstruído*. Com base nessa passagem de Apocalipse 11.2, o erudito J. A. T. Robinson, em sua obra *Redating the New Testament* sustentou que todo o livro de Apocalipse é anterior ao ano 70 d.C. (Redating the New Testament [Philadelphia, 1976] 238-42).

Outra objeção apresentada por Ice é um exemplo que ele retira do profeta Ezequiel (caps. 40-43). Ezequiel teve uma visão em que o Templo é medido. Ice objeta: será que tal

Templo existia na época de Ezequiel pelo simples fato do Templo ter sido medido? Claro que não. Mas Ice se esquece de uma coisa: na época de Ezequiel, um profeta do exílio, o Templo de Jerusalém tinha sido destruído por Nabucodonosor. Evidências internas da literatura do AT provam isso. Diante de tal contexto, ninguém discorda que Ezequiel estava falando de um Templo futuro. Mas comparar isso com o caso do Apocalipse é ir longe demais. Em nenhum momento no NT é dito que o Templo de Herodes já tinha sido destruído quando João redigiu o Apocalipse. Não há nada no livro de Apocalipse que apoie tal ideia. Ademais, a linguagem usada por João sobre o Templo em Apocalipse 11 é similar à do sermão escatológico de Jesus sobre a destruição do Templo em Lucas 21, o que implica em dizer que João estava se referindo ao mesmo Templo que Jesus se referiu.

A terceira objeção de Ice é sobre os sete reis de Apocalipse 17.10. Ice propõe que a passagem está falando de reinos, e não de reis individuais. Os sete reinos para ele são: Egito, Assíria, Babilônia, Medos, Pérsia, Grécia e Roma.

Mas será que essa interpretação é consistente? Claro que não. O versículo anterior do mesmo capítulo diz claramente quem são essas sete colinas: “Aqui se requer mente sábia. As sete cabeças são sete colinas (Apocalipse 17:9). Essas sete cabeças se referem a sete reinos? Não! As sete cabeças são sete colinas, onde Roma ficava assentada. Roma era chamada de a Cidade das Sete Colinas. João vai adiante e diz que essas sete colinas são também sete reis (v.10). Mas são sete reis das sete colinas, isto é, de Roma. Logo, tem que se referir a uma sequência de imperadores romanos.

2. SUCESSÃO DOS IMPERADORES ROMANOS

Em Apocalipse 17.10-11 diz: “E são também sete reis; cinco já caíram, e um existe; outro ainda não é vindo; e, quando vier, convém que dure um pouco de tempo”.

Resta saber quem são esses sete reis. Sabemos que o primeiro deles foi Júlio; depois dele foi Augusto, em seguida, Tibério, posteriormente, Calígula, Claudio, Nero, Galba e Vespasiano. Os cinco primeiros morreram, o sexto é Nero que ainda está vivo na época da revelação do Apocalipse, pois João diz que ele “ainda existe”. O sétimo é Galba que substituiu o trono de Nero quando este se suicidou. Realmente, Galba governou por apenas 6 meses, durando apenas um pouco de tempo, conforme profetizou o Apocalipse. Sabemos que Nero governou o mundo antigo de 54-68 d.C, ou seja, antes da Queda do Templo de Jerusalém. Se Nero era o imperador vivo, então o Apocalipse deve ter sido escrito antes de 70 d.C. Essa evidência é poderosa!

3. A HORA DA TENTAÇÃO QUE VIRÁ SOBRE TODO O MUNDO

A igreja de Filadélfia recebeu a mensagem de que ela iria ser guardada da hora da tentação que viria sobre o mundo todo (Ap. 3.10). O mundo todo conhecido era o mundo civilizado romano. Sabemos que historicamente a primeira tentação sobre a igreja se deu por uma ordem imperial de Nero. Os cristãos desse período sofreram muito pelas mãos desse

tirano. Como Nero reinou até 68 d.C., logo o Apocalipse deve ter sido escrito antes desse período.

4. A IDADE AVANÇADA DE JOÃO

Os futuristas costumam recorrerem à tradição eclesiástica para defenderem a datação tardia do Apocalipse. Vamos recorrer à tradição aqui também. Segundo Jerônimo (*Gl. VI,10*), quando João foi visto em 96 d.C., ele estava muito debilitado e fraco, foi levado com ajuda para a igreja e tinha até dificuldades de se comunicar [10]. Certamente que se João foi banido pro Domiciano para a ilha de Patmos em torno da década de 90 ele estava já velho. Todos esses fatores poderiam prejudicar e impedir que João escrevesse o livro de Apocalipse.

Outro ponto que precisa ser destacado é que de acordo com Apocalipse era preciso que João “profetize de novo acerca de muitos povos, nações, línguas e reis”. Como João teria vigor e capacidade de fazer tais coisas com a idade avançada e as condições que ele se encontrava?

5. O NOME FILADÉLFIA

Outro argumento interessante foi levantado pelo estudioso Paul Winkler sobre a cidade de Filadélfia. Na época de Vespasiano (69-79 d.C.) essa cidade tinha outro nome, *Flavia*; e um século e meio depois ganhou o nome de *Neo-Kaisaria* (Neocesareia). O ponto agora é este: se o livro de Apocalipse foi escrito após 90 d.C., era se esperar que João usasse o nome

atual da cidade, Flavia, ao invés de Filadélfia. Esse argumento não é infalível, mas tem seu peso.

EVIDÊNCIAS EXTERNAS

O testemunho patrístico sobre a data do Apocalipse não é unânime. Na verdade, os pais da Igreja Primitiva nem sempre seguiam o mesmo coro. Existiram outros testemunhos patrísticos para uma data mais antiga do Apocalipse. Jack Van Deventer se expressou bem quando disse:

“Bahnsen e Gentry citam evidência externa para uma data mais antiga: ‘Clemente de Alexandria... afirma que toda revelação cessou sob o reinado de Nero. O Cânon Muratoriano (aprox. 170 d.C.) tinha João completando o Apocalipse antes de Paulo ter escrito às sete igrejas diferentes (Paulo morreu antes de 67 ou 68 d.C.)... Epifânio (315-403 d.C.) afirma duas vezes que Apocalipse foi escrito sob o reinado de ‘Claudio [Nero] César.’[11]

No cabeçalho de uma antiga versão siríaca da Bíblia consta que Apocalipse foi escrito na época do imperador Nero: “A revelação que foi feita por Deus a João, o Evangelista, na ilha de Patmos, para onde [ele] foi banido por Nero, o imperador”.

Clemente de Alexandria, em *Quem é o Homem Rico*, seção 42, disse: “Depois da morte do tirano [Nero] ele [João] foi removido da ilha de Patmos para Efésios”.

OUTRAS OBJEÇÕES

O Apocalipse não pode ter sido escrito antes de 70 d.C., pois o livro diz que a Igreja de Laodiceia era rica “Rico sou, e estou enriquecido, e de nada tenho falta” (Apocalipse 3.17). Sabemos por testemunhos antigos que a cidade de Laodiceia foi abalada por um terremoto em 62 d.C. Assim, é impossível Apocalipse fazer tal descrição daquela situação rica da igreja se o livro foi escrito em torno de 64-66 d.C. Não teria como a cidade ser reconstruída num prazo de 3 ou 4 anos.

Refutação: há sérios problemas com tal objeção. Em primeiro lugar, o texto não diz que a cidade foi completamente reconstruída. Apenas se limita a falar de um caso específico daquela cidade, a saber, a situação daquela igreja.

Segundo o testemunho de Tácito, historiador romano (*Annalis* XIV, 27), a cidade de Laodiceia foi reconstruída com as riquezas privadas dos seus cidadãos. Como frisou Paul Winkler, mesmo que os lares daqueles cristãos tenham sido destruídos pelo terremoto, nada impede que eles tenham usado da própria riqueza pessoal e reconstruído os seus bens materiais em um período de 4 anos, inclusive achando que não precisavam da ajuda de Deus, sentindo-se autosuficientes.

O APOCALIPSE REFLETE UM CLIMA DE CULTO IMPERIAL, O QUE INDICA O CULTO AO IMPERADOR DOMICIANO

Resposta: essa objeção falha porque o culto imperial já existia antes de Domiciano. Até mesmo aqueles que datam o Apocalipse para a época domicianiana reconhecem isso: “Desde a época helênica, os cultos a determinados governantes eram, de modo geral, cultos próprios das cidades, razão pela qual floresciam. Em Roma, o culto imperial praticamente existia desde o início do império romano como república, *antes, portanto, de Domiciano*, e continuou depois dele. O endeusamento e adoração de reis, governantes e heróis, no Oriente, fazia parte de uma tradição secular. Foi assim que incorporaram facilmente o culto a Augusto; ofereciam-se incensos e sacrifícios diante de suas estátuas. Escrevendo da Ásia, no começo do século II, Plínio referia-se numa carta a Trajano ao culto ao imperador (*Ep* 10,96.5), colocando inclusive uma efígie sua num templo construído para o culto imperial (*Ep* 10,8-9) – e em suas cartas chamava-o habitualmente de *dominus*”.[12] Mounce disse que na época do imperador Nero o culto imperial estava firmemente estabelecido como uma religião institucionalizada.[13] Júlio César recebeu e aceitou adoração durante a sua vida. De fato, em 48 d.C. Júlio César foi chamado em Éfeso de “deus na terra, descendente de Ares e Afrodite, e salvador universal da vida dos homens” (WEGNER & VOIGT, 2013, p. 25). Um templo em Efésios foi erguido para ele com a seguinte inscrição: “Para a deusa Roma e o divino Júlio”. Sabemos que o seu sucessor e filho adotivo, Otaviano, aprovou templos dele mesmo nas províncias. O senado deu-lhe o título divino *Augustus* (Augusto), que significa venerável, sagrado.

O imperador no templo de Jesus, Tibério, também era considerado divino, a prova disso se encontra nas moedas da época com os seguintes dizeres: *Tiberius Cesar Divi Augusti Filius Augustus* (Tibério César, Venerável, filho do Divino Venerável). Tanto Nero quanto Calígula mandaram cunhar moedas com a efígie do deus Apolo ou então com a coroa de raios do deus Sol Hélios. Portanto, o culto imperial era algo já existente e bem estabelecido na época do reinado de Nero. [14]

O APOCALIPSE FALA DE UMA PERSEGUIÇÃO UNIVERSAL, O QUE SE SABE QUE SE ENCAIXA COM O PERÍODO DA PERSEGUIÇÃO DOMICIANA

Resposta: esse é um dos argumentos mais fortes dos futuristas. Mas até mesmo nisso não há evidência forte o suficiente para saber se Domiciano perseguiu os cristãos de forma intensa. Até mesmo Robert H. Mounce, um defensor da data domiciano do Apocalipse, reconhece isso: “Apesar da evidência para a difundida perseguição sob Domiciano não ser especialmente forte”(WEGNER & VOIGT, 2013, pp. 18-9). Como sublinhou o futurista Osborne: “Vários estudiosos questionam as evidências de perseguição oficial no templo de Domiciano (Yarbro Collins 1984:69-73; L. Thompson 1990: 105-9) e a percepção geral é de que bem pouca perseguição havia acontecido até então (Aune 1997: lxxix; Barr 1998: 165-169)” (OSBORNE, 2014, p.8).(Op. Cit. p. 9). E: “... há indiscutíveis evidências de uma terrível perseguição quando Nero, para se eximir de culpa, acusou os cristãos de terem incendiado Roma (64-68 d.C.)” (OSBORNE, 2014, p.9), embora Osborne diga que a perseguição de Nero se

concentrou em Roma e não poderia ter afetado os cristãos da Ásia. Mas em outro lugar Osborne alega que os cristãos da Ásia sofreram perseguição e tribulação causada pelos judeus e pagãos. Estes oprimiram os cristãos com pressão social e econômica para participarem da vida romana, o que incluía associações de classe, festivais idólatras, como as festas anuais em homenagem a cada divindade padroeira, e práticas cúlticas, como o culto ao imperador.[15] Seja como for, o fato é que a igreja cristã primitiva sofreu tribulações de todos os lados, seja por parte da ordem imperial romana, dos judeus e pagãos da Ásia Menor. A recusa dos cristãos a tais práticas fazia com que eles fossem mal vistos pelos olhos da sociedade pagã, fazendo com que eles sofressem ostracismo social.

De qualquer maneira, a questão da perseguição aos cristãos na época de Domiciano se tornou tradicional em virtude do bispo Melito de Sardes ter caracterizado Domiciano como perseguidor. Daí em diante se tornou tradicional aplicar a perseguição intensa a Domiciano.

De resto, é importante lembrar que mesmo as passagens de Apocalipse que se referem a um clima de perseguição não provam que tais perseguições foram da época de Domiciano, elas podem muito bem apontarem para uma tradição mais primitiva que remonte ao reinado de Nero. Como sublinhou Adela Yarbro Collins:

As alusões a perseguição nas visões não refletem necessariamente acontecimentos locais e contemporâneos. Elas são interpretadas mais apropriadamente como reflexos de perseguições do passado, como a de Nero, e da expectativa de perseguição intensa no futuro próximo (BROWN, FITZMYER, MURPHY, 2011, P. 840).

Por fim, até mesmo após apresentar evidências a favor da tese de que o Apocalipse foi escrito na época de Domiciano, Osborne admite que “tudo considerado, não há como ter certeza sobre a data. É possível apresentar bons argumentos a favor da origem do livro na época de Nero, como também na de Domiciano” (OSBORNE, 2014, P. 11). O leitor pode se perguntar: se não há provas definitivas para ambas as datas, por que você gastou tempo para defender a sua posição? A minha resposta é como a de Osborne: as críticas que se apresentam contra uma data anterior a 90 d.C. tem suas falhas, dando espaço para que uma datação mais antiga do Apocalipse possa ser considerada.

PORQUE AS PROFECIAS DE APOCALIPSE FORAM PARA O SÉCULO I?

Pelo menos duas linhas de evidências nos levam a crer que a maioria dos eventos do Apocalipse foram para o século I. As evidências são:

OS DELIMITADORES TEMPORAIS

Um fato que passa despercebido dos leitores do Apocalipse é a questão do *tempo* dos eventos do livro. Diferentemente da segunda vinda de Jesus narrada no evangelho de Mateus, em que diz que ninguém sabe o tempo da vinda de Jesus (cf. Mt), Apocalipse não mostra tal receio sobre os seus eventos. Muito pelo contrário, para o livro do Apocalipse os fenômenos estavam no *limiar*. É o que fica claro nas palavras introdutórias de Apocalipse: O livro termina com a mesma expectativa de

que os eventos ocorrerão em breve: “E disse-me: Estas palavras são fiéis e verdadeiras; e o Senhor, o Deus dos espíritos dos profetas, enviou o seu anjo, para mostrar aos seus servos as coisas que em breve hão de acontecer.”

...Disse-me ainda: Não seles as palavras da profecia deste livro; porque *próximo está o tempo*” (Ap. 22.6,10. Itálicos meus). Tais indicadores temporais eliminam qualquer possibilidade de interpretação futurista do livro. Dizer que João se referia a eventos que ocorreriam centenas ou milhares de anos depois é contradizer o que o apóstolo disse, pois para ele os eventos estavam para acontecer *em breve*, pois o tempo estava *próximo*.

Os termos gregos *em breve* (*en tachei*) e *próximo* (*engys*) denotam proximidade temporal. Podemos claramente ver isso porque a palavra *próximo* aparece em outras partes do Novo Testamento com o objetivo de significar eventos que estão à beira de acontecer. Por exemplo, no evangelho de Mateus 24.32, Jesus fala que quando as folhas da figueira brotam e os seus ramos se renovam, o verão estava *próximo*. E em Mateus 26.18, Jesus manda os seus discípulos dizerem a um homem que iria celebrar a páscoa na casa dele, porque o tempo dele estava *próximo*. Jesus não celebrou a páscoa centenas ou milhares de anos após ele ter dito “o meu tempo está próximo”. O termo próximo significa acontecimentos iminentes. João poderia muito bem ter dito “as coisas que acontecerão” ou então “as coisas que devem acontecer”. Mas pelo fato dele ter frisado o delimitador temporal “em breve”, isso implica que urgentemente algo estava para acontecer. Como disse B.W. Johnson, que era simpatizante da hermenêutica historicista: “Ele [João] viu delineando em sua visão eventos que, naquele tempo, estavam no futuro, mas que

‘em breve’ se tornariam história” (JOHNSON apud MARK, 2014, P. 878).

Uma situação similar acerca da brevidade de um evento catastrófico está registrada no livro do profeta Ezequiel: “Porque está perto o dia, sim, está perto o dia do Senhor; dia nublado; será o tempo dos gentios” (Ezequiel 30.3). Deus está proferindo uma palavra de juízo contra o Egito (v. 4). Que a expressão “está perto o dia do Senhor” significa algo que estava prestar à acontecer fica evidente quando o profeta disse que o instrumento que Deus iria usar para executar esse juízo contra o Egito seria o rei Nabucodonosor, cujo rei viveu na época do profeta Ezequiel.

Ademais, o contexto de tribulação do livro mostra que João tinha em mente eventos que estavam pairando sobre a cabeça dos cristãos de seus dias. O Apocalipse, assim como toda narrativa apocalíptica, tem como um dos objetivos consolar o povo de Deus de suas tribulações e perseguições. Portanto, qual o sentido João querer consolar os cristãos do seu tempo colocando os eventos num futuro distante? Qual consolo os cristãos teriam? Se a proposta era consolar aqueles cristãos daquelas sete igrejas da Ásia Menor, então não faria sentido João se dirigir a eles, pois estaria se dirigindo aos cristãos do futuro.

Imagine você sendo um cristão da Ásia Menor sofrendo dura perseguição. Você recebe uma cópia do livro de Apocalipse, sabe que obterá consolo da leitura do livro. Vê logo no início do livro João que ele escreveu para as sete igrejas da Ásia, e você é membro de uma delas. Você lê João dizendo que os eventos seriam *próximos* e *breve*. Qual seria a sua conclusão? Você interpretaria tais palavras como aplicando-se não à tua

geração, mas a centenas ou milhares de anos depois? A leitura futurista do Apocalipse é antiintuitiva.

Quando o quinto selo do Apocalipse foi aberto (Ap 6.9), é dito para as almas que foram martirizadas que repousassem por *um pouco de tempo* (v. 11). Se um dos propósitos de João era consolar aqueles irmãos de suas tribulações, mas Deus não tinha em vista eles, João estaria sendo insensível com aqueles cristãos. E mais, não só insensível, mas enganando-os com uma mensagem que não se aplicava para eles.

Os contradizentes tentam contornar esse argumento da brevidade temporal de Apocalipse sublinhando que João não estava defendendo que os eventos estavam próximos cronologicamente, mas sim que assim que eles comesçassem seriam terminados o mais rápido possível. Essa objeção falha gravemente, visto que ela esvazia o significado de “em breve” e “próximo”. Sabemos por intuição que tais termos indicam coisas que estão próximas de acontecerem. O erudito F.F. Bruce lançou por terra tal objeção quando disse: “O argumento de que o grego *em tachei* implica que os eventos não ocorrerão ‘logo’, mas vão ser concluídos rapidamente depois de terem tido o início, não pode ser defendido; não é o que os primeiros leitores do livro teriam entendido naturalmente” (BRUCE, 2012, P. 1519).

CONCLUSÃO

O problema da exegese futurista repousa nisto: as provas futuristas para que as profecias do Apocalipse sejam para o futuro pressupõem uma leitura futurista do livro. Isso é um argumento circular. Devemos analisar o livro do Apocalipse e

ver se ele dá mais apoio à visão preterista ou à visão futurista. Quando analisamos os argumentos preteristas percebemos que ele se sai como o melhor candidato para interpretar o livro de Apocalipse. Percebemos também que as críticas que se apresentam ao preterismo carecem de fundamentação sólida.

NOTAS

1 Formado em filosofia pela UFRN. Professor de filosofia da rede estadual de ensino em Natal-RN. Também foi professor de teologia. Pesquisador na área de teologia e filosofia. Atualmente se especializando em teologia bíblica do AT e NT.

2 Fonte *Q* vem do alemão *Quelle* que significa *fonte*. Segundo alguns estudiosos, era uma fonte primitiva de ditos e feitos de Jesus que serviu como base para os evangelhos de Mateus e Lucas. Como os estudiosos deduzem que essa fonte existiu? Eles percebem que algumas histórias narradas em Mateus e Lucas tem o mesmo conteúdo em comum que aparece no evangelho de Marcos, o que implica que eles consultaram Marcos ao redigirem os seus evangelhos. O problema é que muito material em comum que aparece tanto em Mateus quanto em Lucas não aparece em Marcos, isso pode sugerir que eles tiveram acesso a uma fonte independente, chamada *Quelle*. Se essa fonte existiu um dia, ela se perdeu.

3 <GENTRY, Kenneth Jr. De Volta para o Futuro: A Perspectiva Preterista. Em: http://www.monergismo.com/textos/preterismo/de-volta-futuro-preterismo_gentry.pdf> Acessado em: 10/01/2017.

4 Cf. GENTRY, Kenneth Jr. Disponível em: http://www.monergismo.com/textos/preterismo/preteristas-posmilenistas_gentry.pdf> acessado em: 02/12

5 BEASLEY-MURRAY, G.R. em: DAVIDSON, F. (Editor). O Novo comentário da Bíblia. São Paulo, Vida Nova, 1997, p. 1449.

6 GENTRY, Kenneth Jr. A Importância da Data do Apocalipse. Disponível em:

<http://www.monergismo.com/textos/preterismo/importancia-data-ap_gentry.pdf> Acessado em: 11/01/2017.

7Cf. MOUNCE, Robert H. The Book of Revelation. Revised Edition. Grand Rapids, Michigan / Cambridge, U.K. :Willian B. Eerdmans Publishing Company, 1998, p. 15.

8COLLINS, Adela Yarbro. Novo Comentário Bíblico São Jerônimo: Novo Testamento e artigos sistemáticos / São Jerônimo; tradução: Celso Eronides Fernandes. - Santo André (SP): Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2011 / Editores: Raymond E. Brown, Joseph A. Fitzmyer e Roland E. Murphy, p. 838.

9ICE, Thomas. Dating the Book of Revelation. Em: <<https://translate.google.com.br/translate?hl=pt-BR&sl=en&u=https://www.raptureready.com/featured/ice/DateBookRevelation.html&prev=search>> Acessado em: 11/01/2017.

10Veja <<http://www.preteristcentral.com/Dating%20the%20Book%20of%20Revelation.html>> Acessado em: 12/01/2017.

11DEVENTER, Jack Van. A Datação do Apocalipse, p. 3. Artigo disponível em: <http://www.monergismo.com/textos/preterismo/datacao-apocalipse_deventer.pdf> Acessado em: 13/01/2017.

12ARENS, Eduardo e MATEOS, Manuel Díaz. O Apocalipse – a força da esperança. Estudo, leitura e comentário. São Paulo, Brasil: EDIÇÕES LOYOLA, 2004, p. 73.

13Veja MOUNCE, Robert H. The Book of Revelation. Revised Edition. Grand Rapids, Michigan / Cambridge, U.K. :Willian B. Eerdmans Publishing Company, 1998, p. 17.

14WEGNER Uwe & VOIGT, Emilio. Apocalipse: manual de estudos. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2013, p. 25.

¹⁵Cf. OSBORNE, Grant R. Apocalipse: comentário exegetico. São Paulo: Vida Nova, 2014, pp. 12.13.

BIBLIOGRAFIA

OLLINS, JOHN, J. A imaginação apocalíptica: Uma introdução à literatura apocalíptica judaica. São Paulo: Paulus, 2010. - (Coleção Academia bíblica)

BAUKHAM, Richard. THE CLIMAX OF PROPHECY Studies on the Book of Revelation. Edinburgh, Scotland, 1993.

BEASLEY-MURRAY, G.R. em: DAVIDSON, F. (Editor). O Novo comentário da Bíblia. São Paulo, Vida Nova, 1997.

MEIER. J.P. Um Judeu MARGINAL: Repensando o Jesus histórico, volume 2, livro 3, Rio de Janeiro, Imago ed.,1998.

LACOSTE, Jean - Yves. Dicionário crítico de teologia. São Paulo: Paulinas / Edições Loyola,2004.

WINKLER, Paull The Mystery of God, The Final Episode, WestBowPRESS - a division of Thomas Nelson & Zondervan.

LIÃO, Irineu de Lião. Contra as heresias. São Paulo, Paulus. 1995.

BOGAERT, Pierre-Maurice at al. (Responsáveis científicos). Dicionário enciclopédico da Bíblia. São Paulo: Edições Loyola, Paulinas, Paulus, Academia Cristã, 2013.

CESAREIA, Eusebio. História eclesiástica. São Paulo: Paulus, 2000. -(Patrística; 15).

ARENS, Eduardo e MATEOS, Manuel Díaz. O Apocalipse – a força da esperança. Estudo, leitura e comentário. São Paulo, Brasil: EDIÇÕES LOYOLA, 2004

WEGNER Uwe & VOIGT, Emilio. Apocalipse: manual de estudos. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2013.

RAYMUNDO, César Francisco. Comentário Preterista sobre o Apocalipse, volume único. Revista Cristã Última Chamada – Edição Especial sobre o Apocalipse – Volume único – 2ª Edição Ampliada.

GEISLER, Norman. Enciclopédia de Apologética. São Paulo: Editora Vida, 2002.

. (Compilador). A Verdade sobre o Preterismo Parcial. Revista Cristã Última Chamada - Edição Especial Nº 015, Agosto de 2014.

MORESCHINI, Claudio & NORELLI, Enrico. História da Literatura Cristã Antiga Grega e Latina II: Do Concílio de Nicéia ao início da Idade Média, tomo 1. São Paulo: EDIÇÕES LOYOLA, 2000.

MOUNCE, Robert H. The Book of Revelation. Revised Edition. Grand Rapids, Michigan / Cambridge, U.K. : Willian B. Eerdmans Publishing Company, 1998.

GENTRY, Kenneth Jr. De Volta para o Futuro: A Perspectiva Preterista. Em: http://www.monergismo.com/textos/preterismo/de-volta-futuro-preterismo_gentry.pdf Acessado em: 10/01/2017.

. A Identidade da Besta, p.2. Disponível em: http://www.monergismo.com/textos/preterismo/identidade-besta_gentry.pdf Acessado em: 20/01/2017.

. O Apocalipse para leigos. Brasília, DF: Editora Monergismo, 2016.

. A Vinda do Rei. Disponível em: <http://www.revistacrista.org/Segunda%20Vinda%20e%20Ressurreicao%20Vinda%20do%20Rei.htm#.WICz8fkrKUK> Acessado em: 19/01/2017.

. Sobre Preteristas e Pós-milenistas. Em:
http://www.monergismo.com/textos/preterismo/preteristas-posmilenistas_gentry.pdf Acessado em: 19/01/2017.

PATE, Marvin C. As interpretações do Apocalipse – 4 pontos de vista. São Paulo: Editora Vida, 2003. - (Coleção Debates Teológicos).

. A Importância da Data do Apocalipse. Disponível em:
http://www.monergismo.com/textos/preterismo/importancia-data-ap_gentry.pdf Acessado em: 11/01/2017.

ERICKSON, Millard. Escatologia: a polêmica em torno do milênio. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 2ª edição revisada e ampliada, 2010.

TEB – Bíblia Tradução Ecumênica. São Paulo, Brasil: EDIÇÕES LOYOLA, 1994.

Novo Comentário Bíblico São Jerônimo: Novo Testamento e artigos sistemáticos / São Jerônimo; tradução: Celso Eronides Fernandes. - Santo André (SP): Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2011 / Editores: Raymond E. Brown, Joseph A. Fitzmyer e Roland E. Murphy.

HANEGRAAFF, Hank. The apocalipse code: find out what the Bible really says about the end times... and why it matters today. Nashvilly, Tennessee, Thomas Nelson, Inc.

ULTMANN, Rudolf. Teologia do Novo Testamento. São Paulo: Editora Teológica, 2004.

ICE, Thomas & DEMY, Timothy. Profecias de A a Z. Porto Alegre: Actual, 2003.

MENN, Jonathan. Biblical Schatology. Eugene, Oregon: Resource Publications, 2013.

JOSEFO, Flávio. Uma testemunha do tempo dos Apóstolos. Documentos do mundo da Bíblia. São Paulo: Paulus, 1986. (Documentos do mundo da Bíblia; 3).

CATULO. O livro de Catulo. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996. - (Texto e Arte; 13).

OSBORNE, Grant R. Apocalipse: comentário exegético. São Paulo: Vida Nova, 2014.

MARK, Walter. Enciclopédia de fatos da Bíblia: 1.000.000 de palavras * 100.000 fatos a Bíblia. São Paulo: Hagnos, 2014.

BULFINCH, Thomas. O livro de ouro da mitologia: história de deuses e heróis. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

CARSON, D.A. O comentário de Mateus. São Paulo: Shedd Publicações, 2011.

EPSTEIN, Isidore. Breve história do judaísmo. São Paulo: EDITORA E LIVRARIA SÊFER LTDA, 1960.

SUETÔNIO. A vida dos Doze Césares. 2. ed. reform. - São Paulo: Ediouro, 2002. - (Clássicos Ilustrados).

Bíblia de Estudo de Genebra, 2ª Edição Revista e Ampliada. Barueri, SP: Sociedade Bíblia do Brasil; São Paulo: Cultura Cristã, 2009.

RICHARDSON, Joel. Anticristo, o messias esperado pelo islã. (Os direitos autorais deste livro pertencem ao autor, usado com permissão).

BRUCE, F.F. Comentário Bíblico NVI. São Paulo: Editora Vida, 2012.

<http://www.bbc.com/portuguese/geral-36480815>

Acessado em 03/01/2017.

BOGUE, Carl W. Jr. A Datação do Livro de Apocalipse. Disponível em: http://www.monergismo.com/textos/preterismo/datacao-apocalipse_Carl-Bogue.doc.pdf Acessado em: 11/01/2017.

www.preteristcentral.com/Dating%20the%20Book%20of%20Revelation.html Acessado em: 12/01/2017.

DEVENTER, Jack Van. A Datação do Apocalipse, p. 3. Artigo disponível em:

http://www.monergismo.com/textos/preterismo/datacao-apocalipse_deventer.pdf Acessado em: 13/01/2017.

BLUME, M.F. Como Jesus Veio nas Nuvens em 66-70 d.C.? Em: http://www.monergismo.com/textos/preterismo/jesus-nuvens_blume.pdf Acessado em: 19/01/2017.

Obras importantes para pesquisa

A Segunda Vinda de Cristo: Sem Ficção, Sem Fantasia!

Compilação de César Francisco Raymundo, 172 páginas.

Link: www.revistacrista.org/literatura_Revista007.htm

A Ressurreição de Jesus Cristo

– é Ficção ou Fato Histórico Irrefutável? –

César Francisco Raymundo, 35 páginas.

Link: www.revistacrista.org/literatura_Revista011.htm

A Escatologia pode ser Verde?

Rev. Dr. Ernest C. Lucas, 29 páginas.

Link: www.revistacrista.org/literatura_Revista013.htm

A Grande Tribulação

David Chilton, 148 páginas.

Link:

www.revistacrista.org/literatura_A%20Grande%20Tribulacao_David_Chilton.htm

A Verdade sobre o Preterismo Parcial

César Francisco Raymundo, 77 páginas.

Link: www.revistacrista.org/literatura_Revista015.htm

A Ilusão Pré-Milenista

- O Quiliasmo analisado à luz das Escrituras -

Brian Schwertley, 76 páginas.

Link:

Comentário Preterista sobre o Apocalipse

– Volume Único –

César Francisco Raymundo, 533 páginas.

Link:

www.revistacrista.org/literatura_Comentario_Preterista_sobre_o_Apocalipse_Volume_Unico.html

Cristo Desceu ao Inferno?

Heber Carlos de Campos, 46 páginas.

Link: www.revistacrista.org/literatura_Revista016.htm

Crítica do Preterismo Completo

Philip G. Kaiser, 27 páginas.

Link:

www.revistacrista.org/literatura_Critica%20do%20Preterismo%20Completo.htm

Dicionário Michaelis

<http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/>

Heresias do Preterismo Completo

César Francisco Raymundo, 56 páginas.

Link: www.revistacrista.org/literatura_Revista014.htm

Dispensacionalismo

Desmascarando o Dogma Dispensacionalista

Hank Hanegraaff, 49 páginas.

Link: www.revistacrista.org/literatura_Revista020.htm

Uma Refutação Bíblica ao Dispensacionalismo

Arthur W. Pink, 42 páginas.

Link:

www.revistacrista.org/literatura_Dispensacionalismo_Arthur_Pink.htm

Dispensacionalismo (Lista de Passagens da Escritura)

Nathan Pitchford, 29 páginas.

Link:

www.revistacrista.org/literatura_Dispensacionalismo_Lista%20de%20Passagem.htm

JESUS – A Chave Hermenêutica das Escrituras

Eric Brito Cunha, 46 páginas.

Link: www.revistacrista.org/literatura_Jesus_a_Chave_Hermeneutica.htm

Léxico do Grego do Novo Testamento

Edward Robinson, 1014 páginas.

Tradução: Paulo Sérgio Gomes.

Edição em língua portuguesa © 2012

por Casa Publicadora das Assembleias de Deus.

Todos os direitos reservados.

Mateus 24 e a Vinda de Cristo

César Francisco Raymundo, 110 páginas.

Link: www.revistacrista.org/literatura_Revista023.html

Mateus 25 e o grande Julgamento

César Francisco Raymundo, 30 páginas.

Link: www.revistacrista.org/literatura_Revista024.html

O Padrão Éden

Jair de Almeida, 31 páginas.

Link: www.revistacrista.org/literatura_Revista022.html

O Universo em Colapso na Bíblia

– eventos literais ou metáfora poderosa?

Brian Godawa, 29 páginas.

Link: www.revistacrista.org/literatura_Revista017.htm

Pós-Milenarismo PARA LEIGOS

Kenneth L. Gentry Jr., 92 páginas.

Link: www.revistacrista.org/literatura_pos_milenarismo_para_leigos.htm

Predições de Cristo

Hermes C. Fernandes

Link: www.revistacrista.org/Revista_Dezembro_de_2011.htm

Refutando o Preterismo Completo

César Francisco Raymundo, 112 páginas.

Link: www.revistacrista.org/literatura_Revista010.htm

Sem Arrebatamento Secreto

– Um guia otimista para o fim do mundo –

Jonathan Welton, 223 páginas.

Link: www.revistacrista.org/literatura_Sem%20Arrebatamento%20Secreto.htm

70 Semanas de Daniel

Kenneth L. Gentry, Jr., 35 páginas.

Link: www.revistacrista.org/literatura_Revista012.htm